

Ecoeficiência ganha aura de elixir

Riquezas naturais e potencial de energia renovável colocam país diante da oportunidade de liderar o

TEXTO GUILHERME ABREU LIMA

Antonio Milena



A taxa de desmatamento da floresta amazônica caiu para 6,5 mil km² no último ano, até julho. A meta para 2020 é de 3,5 mil km²

Pergunte a líderes de grandes empresas, membros do governo e ONGs como será o futuro da economia mundial e eles responderão: verde. O conceito de ecoeficiência tornou-se uma espécie de elixir do desenvolvimento. E o Brasil, graças a suas riquezas naturais e grande potencial energético renovável, mais uma vez está diante da oportunidade de tornar-se um líder do setor. Ou perder o bonde da história.

E onde estão as maiores oportunidades de investimento na economia verde? Se a tecnologia utilizada no processo de produção se caracterizar pela baixa emissão de carbono e for economicamente viável, ela tem tudo para colocar quem a utiliza na frente da corrida produtiva, agregando ecoeficiência. No caso do Brasil, diante dos grandes desafios de infraestrutura e seu know-how na geração de energias renováveis como a hidrelétrica e de etanol, esses são campos promissores. A construção civil sustentável, agricultura, florestas e turismo também prometem.

E se até há pouco tempo a economia verde era uma ambição apenas do setor privado e de ONGs, agora começa a se tor-

nar prioridade para governos no mundo todo, inclusive no Brasil. “A economia verde é uma chance de criar um modelo econômico que gere mais empregos, melhores salários e menos agressão ao meio ambiente”, diz Casemiro Tércio Carvalho, secretário adjunto da Secretaria de Estado de Meio Ambiente de São Paulo. Tércio foi um dos idealizadores da 1ª Bolsa Internacional de Negócios da Economia Verde. O evento foi realizado em São Paulo entre os dias 1º e 3 deste mês e reuniu 600 empresários, empreendedores, investidores e representantes de órgãos públicos para discutir oportunidades da economia verde com a proposta de fomentar negócios no Estado. “Em um futuro próximo teremos barreiras econômicas que vão estabelecer critérios ambientais. Para entrar em um mercado será preciso seguir essas normas em todos os setores e São Paulo quer estar na frente”, diz Tércio.

Parte da estratégia do governo paulista é começar a implementar a economia verde em seus próprios projetos. Este ano foram licitados 100 utilitários 4X4 para a Polícia Florestal com a exigência de serem flex. Os projetos habitacionais contam com painéis para produção de energia so-

“Parte da estratégia do governo é começar a implementar a economia verde em seus próprios projetos. Exemplo disso são os 100 utilitários 4X4 licitados para a Polícia Florestal: todos flex”

Casemiro Tércio Carvalho,
secretário adjunto
da Secretaria de Estado de
Meio Ambiente de São Paulo

lar e cobrança individualizada de água. O Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) também passou por uma reorganização para todas as linhas de pesquisa contarem com aspectos de sustentabilidade. “A Mitsubishi venceu a licitação dos 4X4 por ser a única a dispor desses utilitários flex, mas tenho certeza de que no próximo ano haverá outras”, diz Tércio.

Definir o que faz parte de uma economia verde é tarefa complexa. O ecodesigner Marco Capellini, da Capellini Design & Consulting, sediada em Milão e que tem como clientes a Samsung, Electrolux e Tetra Pak, acredita que o consumidor terá um papel fundamental na economia verde, mas é preciso informá-lo dos benefícios de um produto com tais características. “Os governos cada vez mais criam legislação para determinar exigências. Mas há países que usam isso como barreira para impedir a entrada de itens estrangeiros, criando reserva de mercado”, alerta o designer.

Um dos aspectos mais polêmicos da economia verde são os subsídios oferecidos pelos governos para implementá-la. Como as novas tecnologias sustentáveis de modo geral são mais caras do que as con-

do desenvolvimento

movimento de sustentabilidade. Ou corre o risco de perder o bonde da história

vencionais, a única maneira de torná-las competitivas é subsidiar sua produção. Isso pode distorcer o mercado com preços irreais e ainda inibir o surgimento de novas tecnologias à medida que só se investe no desenvolvimento das eleitas pelos governos. Também há fortes razões econômicas, além de ambientais, para um modelo ecoeficiente. A consultoria Deloitte divulgou suas previsões para o setor de mineração no ano que vem apontando uma crescente demanda dos países emergentes por commodities. Em contrapartida, o setor tem encontrado cada vez mais dificuldades para conseguir permissões para a abertura de novas minas, levando a um crescente aumento no preço das commodities.

FALTA ESFORÇO PARA REDUZIR EMISSÕES

Produzir mais com menos deveria ser o mantra, que fica mais no discurso que na prática no Brasil. “O país está crescendo e as emissões de carbono também. Mas não há um grande esforço no sentido de reduzir as emissões”, diz José Goldemberg, presidente do Conselho de Estudos Ambientais da Fecomercio, ex-ministro do Meio-Ambiente e professor doutor da USP. “No caso da reciclagem, por exemplo, se faz pouco e

“Um prédio em São Paulo instala um gerador a diesel livremente. Mas se quiser colocar um a gás natural ou etanol terá de obter uma licença especial”

Carlos Alberto Silvestrin,
vice-presidente da Associação da Indústria de Cogeração de Energia (Cogen)

de forma limitada, como no caso do alumínio e do papel. Apenas 1% do lixo urbano é reciclado”, afirma. Ele considera retrocesso a adoção pelo governo federal de usinas termelétricas a gás e carvão.

Para Hamilton Moss de Souza, diretor do Ministério de Minas e Energia, é importante avaliar as mudanças na área de energia com muito cuidado e as termelétricas foram uma solução pontual para garantir a segurança energética. No Brasil 72% da energia utilizada é renovável. E esse percentual vai aumentar, diz Souza citando como exemplo o recente projeto de energia eólica no Nordeste, que irá produzir 3,85 mil megawatts (MW). “Não podemos abrir mão das termelétricas, mas temos grandes projetos como o da energia eólica”, diz.

Inovação com a criação de novas tecnologias também é fundamental, mas dados recentes mostram que ainda há um longo caminho a percorrer. O Brasil gasta somente 1,1% do seu PIB com pesquisa e desenvolvimento, comparado a 1,4% na China e 3,4% no Japão. Ano passado o país caiu 18 posições no ranking de inovação do Insead, indo de 50º para 68º. E mesmo medidas simples que poderiam ser adotadas esbarram na burocracia.

OS LÍDERES EM INVESTIMENTOS E ENERGIAS RENOVÁVEIS PÓS-CRISE

A Ásia deixou a Europa e os Estados Unidos para trás em investimentos na economia verde usando os estímulos econômicos pós-crise



CHINA

Um terço do pacote de estímulo da economia da China foi destinado à economia verde, o equivalente a 3% do PIB, com ênfase em trens de alta velocidade, energia eólica e solar. O país já é o maior produtor mundial de células solares, turbinas eólicas e aquecedor solar de água. O setor de energias renováveis na China está avaliado em US\$ 17 bilhões e já emprega 1 milhão de pessoas



COREIA DO SUL

Destinou 95% do seu estímulo fiscal à economia verde, o equivalente a 3% de seu PIB, e incluiu setores como o automobilístico. A expectativa é gastar US\$ 60 bilhões e gerar 1,8 milhão de empregos até 2020



ESTADOS UNIDOS

Apesar de ter destinado 12% do seu programa de estímulo à economia verde, o valor representa apenas 0,7% do PIB



EUROPA

Destinará apenas US\$ 22,8 bilhões a investimentos de baixa emissão de carbono, o equivalente a 0,2% do PIB

Fonte: A Global Green New Deal: Rethinking the Economic Recovery, de Edward Barbier

Anúncio